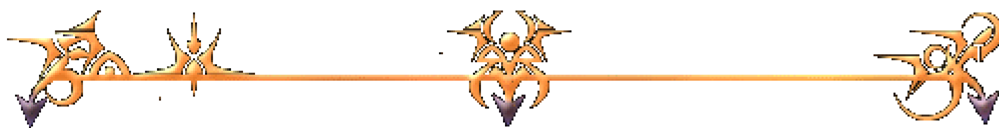
Carlos Drummond de Andrade



São flores ou são nalgas

São flores ou são nalgas

estas flores

de lascivo arabesco?

São nalgas ou são flores

estas nalgas

de vegetal doçura e macieza?

Bundamel Bundalis Bundacor Bundamor

Bundamel Bundalis Bundacor Bundamor

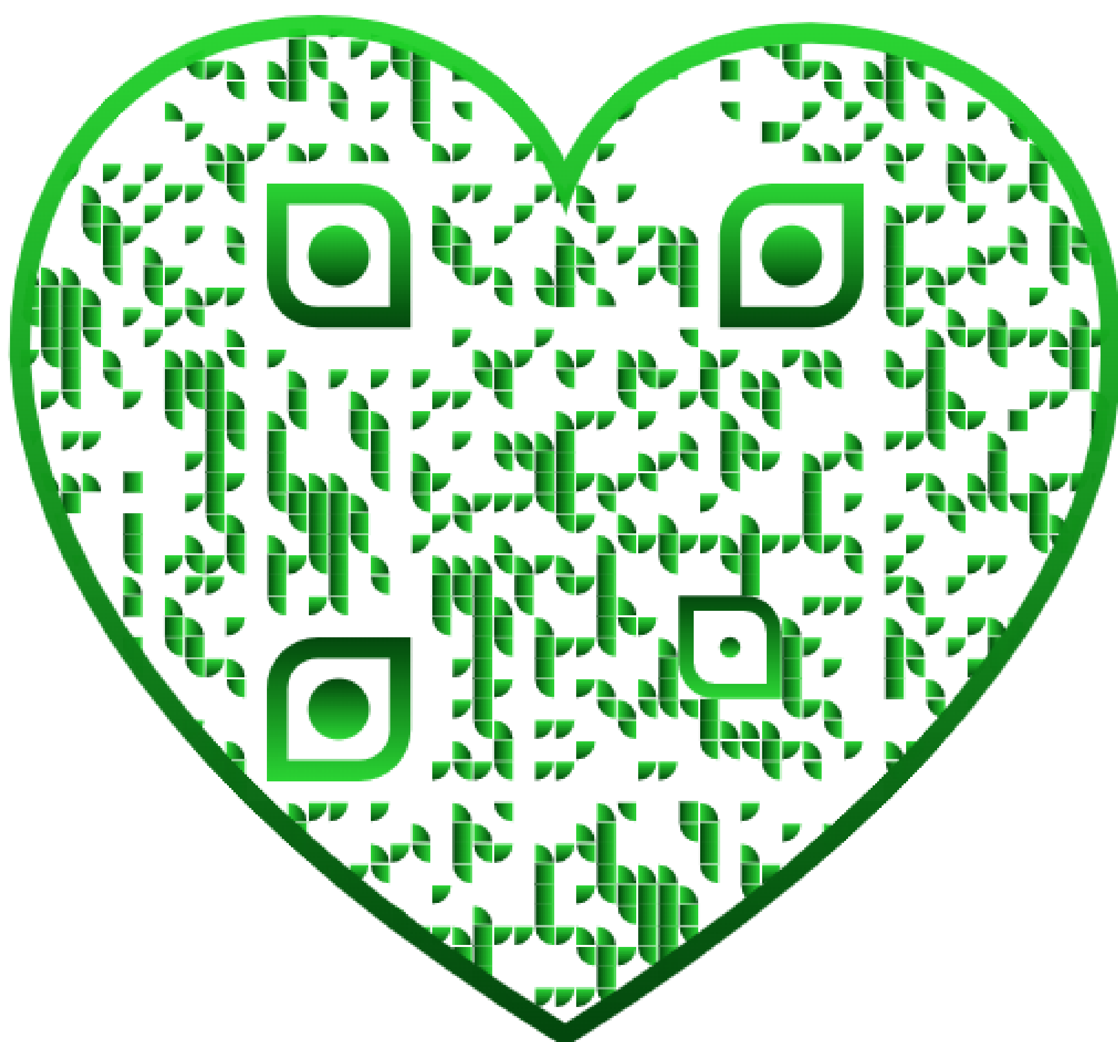
bundalei bundalor bundanil bundapão

bunda de mil versões, pluribunda unibunda

bunda em flor, bunda em al

bunda lunar e sol

bundarrabil



Bunda maga e plural, bunda além do irreal
arquibunda selada em pauta de hermetismo
opalescente bun
incandescente bun
meigo favo escondido em tufos tenebrosos
a que não chega o enxofre da lascívia
e onde
a global palidez de zonas hiperbóreas
concentra a música incessante
do girabundo cósmico.
Bundaril bundilim bunda mais do que bunda
bunda mutante/renovante
que ao número acrescenta uma nova harmonia.
Vai seguindo e cantando e envolvendo de espasmo
o arco de triunfo, a ponte de suspiros
a torre de suicídio, a morte do Arpoador
bunditálix, bundífoda
bundamor bundamor bundamor bundamor.

Mulher andando nua pela casa

Mulher andando nua pela casa

Envolve a gente de tamanha paz.

Não é nudez datada, provocante.

É um andar vestida d nudez,

Inocência de irmã e copo d'água.

O corpo nem sequer é percebido

pelo ritmo que o leva.

Transmitam curvas em estado de pureza,

dando este nome à vida: castidade.

Pêlos que fascinavam não perturbam.

Seios, nádegas (tácito armistício)

Repousam de guerra. Também eu repouso.

Mimosa boca errante

Mimosa boca errante

à superfície até achar o ponto

em que te apraz colher o fruto em fogo

que não será comido mas fruído

até se lhe esgotar o sumo cálido

e ele deixar-te, ou o deixares, flácido,

mas rorejando a baba de delícias

que fruto e boca se permitem, dádiva.

Boca mimosa e sábia,

impaciente de sugar e clausurar

inteiro, em ti, o talo rígido

mas varado de gozo ao confinar-se

no limitado espaço que ofereces

a seu volume e jato apaixonados,

como podes tornar-te, assim aberta,

recurvo céu infindo e sepultura?

Mimosa boca e santa,

que devagar vais desfolhando a líquida

espuma do prazer em rito mudo,

lenta-lembente-lambilusamente

ligada à forma ereta qual se fossem

a boca o próprio fruto, e o fruto a boca,

oh chega, chega, chega de beber-me,

de matar-te, e, na morte, de viver-me.

Já sei a eternidade: é puro orgasmo.

A língua francesa

A língua francesa

desvenda o que resta

(a fina agudeza)

da noite em floresta.

Mas sem esquecer,

num lance caprídeo,

de ler e tresler

a arte de Ovídio.

A outra porta do prazer

A outra porta do prazer,

porta a que se bate suavemente,

seu convite é um prazer ferido a fogo

e, com isso, muito mais prazer.

Amor não é completo se não sabe

coisas que só amor pode inventar.

Procura o estreio átrio do cubículo

aonde não chega a luz, e chega o ardor

de insofrida, mordente

fome de conhecimento pelo gozo.

Sugar e ser sugado pelo amor

Sugar e ser sugado pelo amor

no mesmo instante boca milvalente

o corpo dois em um gozo pleno

que não pertence a mim nem te pertence

um gozo de fusão difusa transfusão

o lamber o chupar o ser chupado

no mesmo espasmo

é tudo boca boca boca boca

sessenta e nove vezes boquilíngua.

A carne é triste depois da felação

A carne é triste depois da felação.

Depois do sessenta-e-nove a carne é triste.

É areia, o prazer? Não há mais nada

após esse tremor? Só esperar

outra convulsão, outro prazer

tão fundo na aparência mas tão raso

na eletricidade do minuto?

Já se dilui o orgasmo na lembrança

e gosma

escorre lentamente de tua vida.

Quando desejos outros é que falam

Quando desejos outros é que falam

e o rigor do apetite mais se aguça,

despetalam-se as pétalas do ânus

à lenta introdução do membro longo.

Ele avança, recua, e a via estreita

vai transformando em dúlcida paragem.

Mulher, dupla mulher, há no teu âmago

Ocultas melodias ovidianas.

Ó tu, sublime puta encanecida

Ó tu, sublime puta encanecida,

que me negas favores dispensados

em rubros tempos, quando nossa vida

eram vagina e fálus entrançados,

agora que estás velha e teus pecados

no rosto se revelam, de saída,

agora te recolhes aos selados
desertos da virtude carcomida.

E eu queria tão pouco desses peitos,
da garupa e da bunda que sorria
em alva aparição no canto escuro

Queria teus encantos já desfeitos
re-sentir ao império do mais puro
tesão, e da mais breve fantasia.

Esta Faca

"Esta faca
foi roubada no Savóia"
"Esta colher
foi roubada no Savóia"
"Este garfo..."

Nada foi roubado no Savóia.
Nem tua virgindade: restou quase perfeita
entre manchas de vinho (era vinho?) na toalha,

talvez no chão, talvez no teu vestido.

O reservado de paredes finas
Forradas de ouvidos
e de línguas
era antes prisão que mal cabia
um desejo, dois corpos.

O amor falava baixo. Os gestos
falavam baixo. Falavam baixíssimo
os copos, os talheres. Tua pele
entre cristais luzia branca.

A penugem rala
na gruta rósea
era quase silêncio.
Saíamos alucinados.

No Savóia nada foi roubada.

Eu sofria quando ela me dizia

Eu sofria quando ela me dizia: "Que tem a ver com as calças, meu querido?"

Vitória, Imperatriz, reinava sobre os costumes do mundo anestesiado e havia palavras impublicáveis.

As cópulas se desenrolavam - baixinho - no escuro da mata do quarto fechado.

A mulher era muda no orgasmo. "Que tem a ver..." Como podem lábios donzelos mover-se, desdenhosos, para emitir com tamanha naturalidade o asqueroso maravilhoso? A tal ponto que, abrindo-se, pareciam tomar a forma arrendondada de um ânus.

A noite era mal dormida. A amada vestida de fezes puxava-me, eu fugia, mãos de trampa escorregante acarinhavam-me o rosto. O pesadelo fedia-me no peito.

O nojo do substantivo - foi há trint'anos -

ao sol de hoje se derrete. Nádegas aparecem em anúncios, ruas, ônibus, tevês.

O corpo soltou-se. A luz do dia saúda-o,

nudez conquistada, proclamada.

Estuda-se nova geografia.

Canais implícitos, adianta nomeá-los? Esperam o beijo do consumidor-amante, língua e membro exploradores.

E a língua vai osculando a castanha clitórida,

a penumbra retal.

A amada quer expressamente falar e gozar

gozar e falar

vocábulos antes proibidos

e a volúpia do vocábulo emoldura a sagrada volúpia.

Assim o amor ganha o impacto dos fonemas certos

no momento certo, entre uivos e gritos litúrgicos,

quando a língua é falo, e verbo a vulva,

e as aberturas do corpo, abismos lexicais onde se restaura

a fae intemporal de Eros,

na exaltação de erecta divindade

em seus templos cavernames de desde o começo das eras

quando cinza e vergonha ainda não haviam corroído a inocência de viver.

À meia-noite, pelo telefone

À meia-noite, pelo telefone,

conta-me que é fulva a mata do seu púbis.

Outras notícias

do corpo não quer dar, nem de seus gostos.

Fecha-se em copas:

"Se você não vem depressa até aqui

nem eu posso correr à sua casa,

que seria de mim até o amanhecer?"

Concordo, calo-me.

No pequeno museu sentimental

No pequeno museu sentimental
os fios de cabelo religados
por laços mínimos de fita
são tudo que dos montes hoje resta.
Visitados por mim, montes de Vênus.

Apalpo, acaricio a flora negra,
e negra continua, nesse branco
total do tempo extinto
em que eu, pastor felante, apascentava
caracóis perfumados, anéis negros,
cobrinhas passionais, junto do espelho
que com elas rimava, num clarão.

Os movimentos vivos no pretérito
enroscam-se nos fios que me falam
de perdidos arquejos renascentes
em beijos que da boca deslizavam
para o abismo de flores e resinas.

Vou beijando a memória desses beijos

Oh minha senhora ó minha senhora

Oh minha senhora ó minha senhora oh não se incomode senhora minha não faça isso eu lhe peço eu lhe suplico por Deus nosso redentor minha senhora não dê importância a um simples mortal vagabundo como eu que nem mereço a glória de quanto mais de... não não não minha senhora não me desabotoe a braguilha não precisa também se despir o que é isso é verdadeiramente fora de normas e eu não estou absolutamente preparado para semelhante emoção ou comoção sei lá minha senhora nem sei mais o que digo eu disse alguma coisa? sinto-me sem palavras sem fôlego sem saliva para molhar a língua e ensaiar um discurso coerente na linha do desejo sinto-me desamparado do Divino Espírito Santo minha senhora eu eu eu ó minha senh... esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos essas nád... tanta nudez me deixa naufragado me mata me pulveriza louvado bendito seja Deus é o fim do mundo desabando no meu fim eu eu ...

Era bom alisar seu traseiro marmóreo

Era bom alisar seu traseiro marmóreo

e nele soletrar meu destino completo:

paixão, volúpia, dor, vida e morte beijando-se

em alvos esponsais numa curva infinita.

Era amargo sentir em seu frio traseiro

a cor de outro final, a esférica renúncia

a toda aspiração de amá-la de outra forma.

Só a bunda existia, o resto era miragem.

De arredio motel em colcha de damasco

De arredio motel em colcha de damasco

viste em mim teu pai morto, e brincamos de incesto.

A morte, entre nós dois, tinha parte no coito.

O brinco era violento, misto de gozo e asco,

e nunca mais, depois, nos fitamos no rosto.

Você meu mundo meu relógio de não marcar horas

Você meu mundo meu relógio de não marcar horas; de esquecê-las. Você meu andar meu ar meu comer meu descomer. Minha paz de espadas acesas. Meu sono festival meu acordar entre girândolas. Meu banho quente morno frio quente pelando. Minha pele total. Minhas unhas afiadas aceradas acidulas. Meu sabor de veneno. Minhas cartas marcadas que se desmarcam e voam. Meu suplício. Minha mansa onça pintada pulando. Minha saliva minha língua passeadeira possessiva meu esfregar de barriga em barriga. Meu perder-me entre pêlos algas águas ardências. Meu pênis submerso. Túnel cova cova cova cada vez mais funda estreita mais mais. Meu gemidos gritos uivos guais guinchos miados ofegos ah oh ai ui nhem ahah minha evaporação meu suicídio gozoso glorioso.

Tenho saudades de uma dama

Tenho saudades de uma dama

como jamais houve na cama

outra igual, e mais terra amante.

Não era sequer provocante.

Provocada, como reagia!

São palavras só: quente, fria.

No banheiro nos enroscávamos.

Eram flamas no preto favo,

um guaiar, um matar-morrer.

Tenho saudades de uma dama

que me passeava na medula

e atomizava os pés da cama.

O que o Bairro Peixoto

O que o Bairro Peixoto

Sabe de nós, e esqueceu!

Rua Anita Garibaldi

e Rua Siqueira Campos.

(Francisco Braga,
Décio Vilares
nos espiando,
fingem que não?)
O calçadão na pernumbra
andança que vai e volta
voltivai
a derivar para o túnel
em busca do hímen?
Volta:
banco de praça. Bambus.
Bambuzal de brisa em ais.
O bardo e a garota amavam-se
nas guerras da Dependência.
Seria brinco de amor
ou era somente brinco.
5 de Julho (fronteira
do reino escuro) à face
de casas desprevenidas
jogávamos nos jardins
e nas caixas de correio
volumes indesculpáveis
de alheias dedicatórias
pedacinhos.

Se salta o cachorro? Credo.

Saltam quinhentos mastins.

Ganem a traça

de amor sem regulamento.

Prende mata esfola queima.

Viu? É dentro de mim, é dentro

do bardo que estão ganindo.

Bobeira de bobo besta.

Passa de nove mil horas,

urge voltar ao sacrário

de virgem.

Só mais um tiquinho. Não.

Sou eu, rei sábio, que ordeno.

Ri. Rimos de mim. Ficamos

Dedos entrelaçados

e desejos geminados

no parque tão pueril.

Praça Edmundo, olá,

Bittencourt de berros brabos.

Se acaso nos visse aos beijos

babados, reincidentes,

protestava no jornal?

Menina mais sem juízo

rindo riso sem motivo

no jogo de diminutivos,

sabe o que estamos fazendo?

Amor.

Não é nada disso. Apenas

primícias cálidas. Calo-me.

Viajar nos seios. Embaixo.

Por trás.

Se vou mais longe, quem vai

Me segurar?

Se fico por aqui mesmo,

quem vem

me resserenar?

Passo vinte vinte anos depois

no mesmo Bairro Peixoto.

Ele que a tudo assistia,

nada lembra, no sol posto,

deste episódio canhoto.

Para o sexo a expirar

Para o sexo a expirar, eu me volto, expirante.

Raiz de minha vida, em ti me enredo e afundo.

Amor, amor, amor - o braseiro radiante

que me dá pelo orgasmo, a explicação do mundo.

Pobre carne sentil, vibrando insastifeita,

a minha se rebela ante a morte anunciada.

Quero sempre invadir essa vereda estreita

onde o gozo maior me propicia a amada.

Amanhã, nunca mais. Hoje mesmo, quem sabe?

enregela-se o nervo, esvai-se-me o prazer

antes que, deliciosa, a exploração acabe.

Pois que o espasmo coroe o instante do meu termo,

e assim possa eu partir, em plenitude o ser,

de sêmen aljofrando o irreparável ermo.

As mulheres gulosas

As mulheres gulosas

que chupam picolé

- diz um sábio que sabe -

são mulheres carentes

e o chupam lentamente

qual se vara chupassem,

e ao chupá-lo já sabem

que presto se desfaz

na falácia do gozo

o picolé fugínte

como se esfaz na mente

o imaginário pênis.

A moça mostrava a coxa

A moça mostrava a coxa

a moça mostrava a nádega,

só não me mostrava aquilo

- concha, berilo, esmeralda -

que se entreabre, quatrifólio,

e encerra o gozo mais lauto,

aquela zona hiperbórea,

misto de mel e de asfalto,

porta hermética nos gonzos

de zonzos sentidos presos,

ara sem sangue de ofícios,

a moça não me mostrava.

E torturando-me, e virgem

no desvairado recato
que sucedia de chofre
à visão dos seios claros,
sua pulcra rosa preta
como que se enovelava,
crespa, intata, inacessível,
abre-que-fecha-que-foge,
e a fêmea, rindo, negava
o que eu tanto lhe pedia,
o que devia ser dado
e mais que dado, comido.
Ai, que a moça me matava
tornando-me assim a vida
esperança consumida.
no que, sombrio, faiscava.
Roçava-lhe a perna. Os dedos
descobriam-lhe segredos
lentos, curvos, animais,
porém o máximo arcano,
o todo esquivo, noturno,
a tríplice chave de urna,
essa a louca sonegava,
não me daria nem nada.
Antes nunca me acenasse.

Viver não tinha propósito,
andar perdera o sentido,
o tempo não desatava
nem vinha a morte render-me
ao luzir da estrela-d'alva,
que nessa hora já primeira,
violento, subia o enjôo
de fera presa no Zôo.
Como lhe sabia a pele,
em seu côncavo e convexo,
em seu poro, em seu dourado
pêlo de ventre mas sexo
era segredo de Estado.
Como a carne lhe sabia
a campo frio, orvalhado,
onde uma cobra desperta
vai traçando seu desenho
num frêmito, lado a lado!
mas que perfume teria
a gruta invisa? Que visgo,
que estreitura, que doçume,
que linha prítina, pura,
me chamava, me fugia??
Tudo a bela me ofertava,

e que eu beijasse ou mordesse,

fizesse sangue: fazia.

Mas seu púbis recusava.

Na noite acesa, no dia,

sua coxa se cerrava.

Na praia, na ventania,

quanto mais eu insistia,

sua coxa se apertava.

Na mais erma hospedaria

fechada por dentro a aldrava,

sua coxa se selava,

se encerrava, se salvava,

e quem disse que eu podia

fazer dela minha escrava?

De tanto esperar, porfia

sem vislumbre de vitória,

já seu corpo se delia,

já se empana sua glória,

já sou diverso daquele

que por dentro se rasgava,

e não sei agora ao certo

se minha sede mais brava

era nela que pousava.

Outras fontes, outras fomes,

outros flancos: vasto mundo,

e o esquecimento no fundo.

Talvez que a moça hoje em dia...

Talvez. O certo é que nunca.

E se tanto se furtara

com tais fugas e arabescos

e tão surda teimosia,

por que hoje se abriria?

Por que viria ofertar-me

quando a noite já vai fria,

sua nívea rosa preta

nunca por mim visitada,

inacessível naveta?

Ou nem teria naveta...

O que se passa na cama

(O que se passa na cama

é segredo de quem ama.)

É segredo de quem ama

não conhecer pela rama

gozo que seja profundo,
elaborado na terra
e tão fora deste mundo
que o corpo, encontrado o corpo
e por ele navegando,
atinge a paz de outro horto,
noutro mundo: paz de morto,
nirvana, sono do pênis
Ai, cama, canção de cuna,
dorme, menina, nanana
dorme a onça suçuarana,
dorme a cândida vagina,
dorme a última sirena
ou a penúltima... O pênis
dorme, puma, americana
fera exausta. Dorme, fulva
grinalda de tua vulva.
E silenciem os que amam,
entre lençol e cortina
ainda úmidos de sêmen,
estes segredos de cama.

Era manhã de setembro

Era manhã de setembro

e

ela me beijava o membro

Aviões e nuvens passavam

coros negros rebramiam

ela me beijava o membro

O meu tempo de menino

o meu tempo ainda futuro

cruzados floriam junto

Ela me beijava o membro

Um passarinho cantava,

bem dentro da árvore, dentro

da terra, de mim, da morte

Morte e primavera em rama

disputavam-se a água clara

água que dobrava a sede

Ela me beijava o membro

Tudo que eu tivera sido

quanto me fora defeso

já não formava sentido

Somente a rosa crispada

o talo ardente, uma flama

aquele êxtase na grama

Ela me beijava o membro

Dos beijos era o mais casto

na pureza despojada

que é própria das coisas dadas

Nem era preito de escrava

enrodilhada na sombra

mas presente de rainha

tornando-se coisa minha

circulando-me no sangue

e doce e lento e erradio

como beijara uma santa

no mais divino transporte

e num solente arrepio

beijava beijava o membro

Pensando nos outros homens

eu tinha pena de todos

aprisionados no mundo

Meu império se estendia

por toda a praia deserta

e a cada sentido alerta

Ela me beijava o membro

O capítulo do ser

o mistério de existir

o desencontro de amar

eram tudo ondas caladas

morrendo num cais longínquo

e uma cidade se erguia

radiante de pedreiras

e de ódios apaziguados

e o espasmo vinha na brisa

para consigo furtar-me

se antes não me desfolhava

como um cabelo se alisa

e me tornava disperso

todo em círculos concêntricos

na fumaça do universo

Beijava o membro

beijava

e se morria beijando

a renascer em setembro

Amor - pois que é palavra essencial

Amor - pois que é palavra essencial

comece esta canção e toda a envolva.

Amor guie o meu verso, e enquanto o guia,
reúne alma e desejo, membro e vulva.
Quem ousará dizer que ele é só alma?
Quem não sente no corpo a alma expandir-se
até desabrochar em puro grito
de orgasmo, num instante de infinito?
O corpo noutro corpo entrelaçado,
fundido, dissolvido, volta à origem
dos seres, que Platão viu completados:
é um, perfeito em dois; são dois em um.
Integração na cama ou já no cosmo?
Onde termina o quarto e chega aos astros?
Que força em nossos flancos nos transporta
a essa extrema região, etérea, eterna?
Ao delicioso toque do clitóris,
já tudo se transforma, num relâmpago.
Em pequenino ponto desse corpo,
a fonte, o fogo, o mel se concentraram.
Vai a penetração rompendo nuvens
e devassando sóis tão fulgurantes
que nunca a vista humana os suportara,
mas, varado de luz, o coito segue.
E prossegue e se espraia de tal sorte
que, além de nós, além da própria vida,

como ativa abstração que se faz carne,

a idéia de gozar está gozando.

E num sofrer de gozo entre palavras,

menos que isto, sons, arquejos, ais,

um só espasmo em nós atinge o clímax:

é quando o amor morre de amor, divino.

Quantas vezes morremos um no outro,

no úmido subterrâneo da vagina,

nessa morte mais suave do que o sono:

a pausa dos sentidos, satisfeita.

Então a paz se instaura. A paz dos deuses,

estendidos na cama, qual estátuas

vestidas de suor, agradecendo

o que a um deus acrescenta o amor terrestre.

Adeus, camisa de Xanto

Pobre camisa, chora...

Eugênio de Castro, "A Camisa de Xanto"

Adeus, camisa de Xanto!

Adeus, camisa de Vênus!

O sêmen fugiu. Nem pranto

nem riso. Estamos serenos.

Baixou a noite seu manto

sobre a cansada virilha.

(Sexo e noite formam ilha.)

Adeus, camisa de Vênus,

adeus, camisa de Xanto!

Já gozamos. Já morremos.

E o tempo masca, em seu canto,

A garupa da novilha.

Que graça mais andarilha

tinhas na cama. Eram fenos

roçados num acalento.

Era a fava de baunilha

que se abria num momento

e que se cerrava: trilha

do demônio ao lugar santo.

Era um desmaio na orilha

da praia de gozo e espanto.

Adeus, camisa de Xanto,

renda de calça, presilha.

Adeus, peiticos morenos,

e o q que brilhava e não brilha

no mais úmido recanto.

Adeus, camisa de Vênus,

amargo caucho, pastilha,

que de tudo nem ao menos

(seria tão bom, no entanto)

ficou um filho, uma filha.

Adeus, camisa de Xanto!

A língua girava no céu da boca

A língua girava no céu da boca. Girava! Eram

duas bocas, no céu único.

O sexo desprendera-se de sua fundação, errante

imprimia-nos seus traços de cobre. Eu, ela, elaeu.

Os dois nos movíamos possuídos, trespassados,

eleu. A posse não resultava de ação e doação, nem nos

somava. Consumia-nos em piscina de aniquilamento.

Soltos, fálus e vulva no espaço cristalino, vulva e fálus

em fogo, em núpcia, emancipados de nós.

A custo nosso corpos, içados do gelatinoso jazigo,

se restituíram à consciência. O sexo reintegrou-se.

A vida repontou: a vida menor.

O chão é cama

O chão é cama para o amor urgente,

amor que não espera ir para a cama.

Sobre tapete ou duro piso, a gente

compõe de corpo e corpo a úmida trama.

E para repousar do amor, vamos à cama.

Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas

Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas

Detêm a mão ansiosa: Devagar.

Cada pétala ou sépala seja lentamente

acariciada, céu; e a vista pouse,

beijo abstrato, antes do beijo ritual,

na flora pubescente, amor; e tudo é sagrado.

Não quero ser o último a comer-te

Não quero ser o último a comer-te.

Se em tempo não ousei, agora é tarde.

Nem sopra a flama antiga nem beber-te

aplacaria sede que não arde

em minha boca seca de querer-te,

de desejar-te tanto e sem alarde,

fome que não sofria padecer-te

assim pasto de tantos, e eu covarde

a esperar que limpasse toda a gala

que por teu corpo e alma ainda resvala,

e chegasses, intata, renascida,

para travar comigo a luta extrema

que fizesse de toda a nossa vida

um chamejante, universal poema.

No mármore de tua bunda

No mármore de tua bunda gravei o meu epitáfio.

Agora que nos separamos, minha morte já não me pertence.

Tu a levaste contigo.

No corpo feminino, esse retiro

No corpo feminino, esse retiro
- a doce bunda - é ainda o que prefiro.
A ela, meu mais íntimo suspiro,
pois tanto mais a apalpo quanto a miro.
Que tanto mais a quero, se me firo
em unhas protestantes, e respiro
a brisa dos planetas, no seu giro
lento, violento... Então, se ponho e tiro
a mão em concha - a mão, sábio papiro,
iluminando o gozo, qual lampiro,
ou se, dessedentado, já me estiro
me penso, me restauro, me confiro,
o sentimento da morte eis que adquiro:
de rola, a bunda torna-se vampiro.

Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça

Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça

de magnificar meu membro.

Sem que eu esperasse, ficaste de joelhos

em posição devota.

O que passou não é passado morto.

Para sempre e um dia

o pênis recolhe a piedade osculante de tua boca.

Hoje não estás nem aí onde estarás,

na total impossibilidade de gesto ou comunicação.

Não te vejo não te escuro não te aperto

Mas tua boca está presente, adorando.

Adorando.

Nunca pensei ter entre as coxas um deus.

Sob o chuveiro amar

Sob o chuveiro amar, sabão e beijos,

ou na banheira amar, de água vestidos,

amor escorregante, foge, prende-se,

torna a fugir, água nos olhos, bocas,

dança, navegação, mergulha, chuva,

essa espuma nos ventres, a brancura

triangular do sexo - é água, esperma.

é amor se esvaindo, ou nos tornamos fonte?

A bunda, que engraçada

A bunda, que engraçada

Está sempre sorrindo, nunca é trágica.

Não lhe importa o que vai

Pela frente do corpo. A bunda basta-se.

Existe algo mais? Talvez os seios.

Ora - murmura a bunda - esses garotos

Ainda lhes falta muito que estudar.

A bunda são duas luas gêmeas

Em rotundo meneio. Anda por si

Na cadência mimosa, no milagre

De ser duas em uma, plenamente.

A bunda de diverte

Por conta própria. E ama.

Na cama agita-se. Montanhas

avolumam-se, descem. Ondas batendo

numa praia infinita.

Lá vai sorrindo a bunda. Vai feliz

Na carícia de ser e balançar.

Esferas harmoniosas sobre o caos.

A bunda é a bunda,

redunda.

Coxas bundas coxas

Coxas bundas coxas

bundas coxas bundas

lábios línguas unhas

cheiros vulvas céus

terrestres

infernais

no espaço ardente de uma hora

intervalada em muitos meses

de abstinência e depressão.